

## O CARRINHO DE ROLIMÃ

Hélio José Guilhardi

O menino de três anos se aproximou:

- É hoje que o Papai Noel vem, pai?
- É. À noite. Acho que o Papai Noel vai lhe trazer um carrinho de rolimã.
- De plástico?
- Não, de madeira e rodinhas de aço. Você vai poder andar nele.

É de manhã. Pai e filho saem. Encontram um “ferro velho”.

- O senhor tem rodinhas de rolimã?
- Ali, naquele canto.
- Quanto é?
- Duzentos cada.
- Puxa, caro! É para um carrinho do menino.

O homem olha para o moleque...

- Bem, se é para isso leva por cinquenta.

Papai Noel começou a ajudar.

- Agora precisamos de madeira. Vamos até a marcenaria.
- O senhor tem umas madeiras para o carrinho do menino?
- Há uns retalhos naquele monte. Pode escolher.
- Quanto?
- Para o menino? Pode levar.
- Ele deu, pai?
- Deu, filho.
- Pronto. Vamos para casa. Já podemos começar a fazer o carrinho.
- É esse que o Papai Noel vai me dar?
- É.

O pai já não tinha mais habilidade para manejar ferramentas. A última vez que fizera um carrinho de rolimã fora na sua infância. Aliás, carrinho que nem chegou a usar. Lembra-se da mãe dizendo: — Sair com isso na rua? Tá louco? O caminhão pega você... Desde então, foi vivendo menos essas aventuras de menino-moleque: estudos, compromissos, responsabilidades, trabalho... Como é bom pensar que o mundo poderia ser diferente. Quem sabe para o filho? Ou para ele próprio, já que podia fazer um carrinho de rolimã e, afinal, andar com ele na rua, através do filho...

Pegou a serra, a lima, a furadeira, os parafusos. Sentiu, na mão desacostumada, a aspereza da ferramenta. Mas foi em frente. Meteu-se a recortar a madeira. Serrou, serrou. Limou, limou. Muito suor depois...

— Por que você parou, pai?

— Cansou o braço.

— Eu sou forte! Quer que eu serre?

— A madeira é muito dura para você. Vamos tomar água e depois a gente continua.

O assento do carrinho ficou pronto: uma placa de madeira com formato aproximado de um envelope aberto.

— Posso sentar?

— Pode. Vamos ver se o tamanho tá bom para você.

— Tá sim! Eu consigo ficar em cima sem cair. Pode ver!

O pai pacientemente fixou o eixo de trás. A madeira era dura. Foi difícil fazer os furos para os parafusos.

— O pai do meu amigo faz furo sem suar. Por que você está suando?

— Acho que é porque ele tem furadeira elétrica. A minha é movida a braço... Vai buscar um copo de água para mim?

— Trouxe coca. Eu gosto mais do que de água...

Faltava o eixo da frente. E fixar as quatro rodas.

Não foi fácil. A tarde acabou, a broca quebrou, o braço cansou, o suor não parou. O pai quase desistiu, mas o filho estava ali. Assistia a tudo. Perguntava, experimentava o carrinho a cada progresso do pai. Parecia não entender bem como aquilo tudo ia virar um carro. E nem era de plástico. Ele nunca vira antes um igual. Mas era dele; o Papai Noel ia lhe dar de presente. Agora ele queria o carrinho. O pai não podia mais desistir. Não desistiu!

— Pronto, filho. Está aí o seu carrinho. Pode experimentar. Sente-se aqui. Ponha o pé assim. Vou empurrar você. Gostou?

— Nossa pai! Agora vamos por embaixo da árvore de Natal? Deixa lá que o Papai Noel vai me dar o carrinho à noite. Precisa embrulhar?

— Vamos pegar jornal, barbante e fazer um embrulho, tá?

É noite. Tudo pronto. Embrulho sob a árvore, pai exausto, filho feliz, o presente, afinal, estava lá!

O maior presente foi mesmo o do pai: fez o brinquedo do filho. Inteirinho. Só ele com o filho. Tudo compensou, até o comentário final do moleque olhando embevecido para seu presente:

— Papai Noel é bonzinho mesmo, não, pai?